

## O “*fantasme*” em Jacques Lacan, o *Intraduzível* em questão

Thales M. de Abreu\*  
 Marta Regina de Leão D’Agord\*\*

### Resumo

No Brasil, o conceito de *fantasme* em Lacan tem duas traduções: fantasma e fantasia. Depois de analisar os argumentos que sustentam cada uma das escolhas de tradução, formulamos a hipótese de que o conceito de *fantasme* na obra e ensino de Lacan, representa, para a língua portuguesa, um termo intraduzível, tal como definido por Barbara Cassin (2018). Esses problemas não se resumem à questão idiomática. Há uma significação impossível de alcançar no trabalho de tradução, pois é preciso delimitar quais são as raízes na obra freudiana que o conceito toma por referência, assim como aquelas das quais ele se distancia.

**Palavras-chave:** FANTASME; TRADUÇÃO; PSICANÁLISE.

### The “*fantasme*” in Jacques Lacan, the *Untranslatable* in question

#### Abstract

In Brazil, the concept of phantasm in Lacan has two translations: phantom and fantasy. After analyzing the arguments that support each of the translation choices, we formulate the hypothesis that the concept of phantasm in Lacan's work and teaching represents, for the Portuguese language, an “untranslatable” term, as defined by Barbara Cassin (2018). These problems are not limited to the idiomatic question. There are some meanings that are rather impossible to achieve by translation. It is necessary to establish what origins does the concept has in the Freudian work, as well as those from which it distances itself.

**Key-words:** FANTASME ; TRANSLATION ; PSYCHOANALYSIS.

### Le fantasme en Jacques Lacan, l’intraduisible en question

#### Résumé

Au Brésil, le concept de fantasme chez Lacan a deux traductions: fantôme et fantaisie. Après avoir analysé les arguments qui soutiennent chacun des choix de traduction, nous formulons l'hypothèse que le concept de fantasme dans l'œuvre et l'enseignement de Lacan représente, pour la langue portugaise, un terme “intraduisible”, tel que défini par Barbara Cassin (2018). Ces problèmes ne se limitent pas à la question idiomatique. Il y a un sens impossible à atteindre dans l'œuvre de traduction, car il faut délimiter quelles sont les racines de l'œuvre freudienne que le concept prend comme référence, ainsi que celles dont il se distancie.

**Mots-clés:** FANTASME; TRADUCTION; PSYCHOANALYSE.

---

\*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura.  
 ORCID ID: 0000-0002-9520-8562  
 E-mail: abreu.thales@gmail.com

\*\*Psicanalista. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS.  
 ORCID ID:0000-0003-0379-5323  
 E-mail: marta.dagord@gmail.com

## Introdução

O pesquisador que pretende trabalhar com o conceito lacaniano de *fantasme* se confronta com o dilema aparentemente insolúvel na tradução desse termo do francês para a língua portuguesa. No Brasil, encontramos duas opções de tradução para *fantasme*: fantasma ou fantasia. Nosso objetivo neste artigo é apresentar os principais argumentos que sustentam ambas as traduções, apontando que nenhuma delas abarca a complexidade que o conceito no idioma original carrega. Nossa hipótese é de que o *fantasme* tal como Lacan o desenvolve, representa, para a língua portuguesa, um termo "intraduzível" tal como definido por Barbara Cassin (2018). Como veremos, os problemas não se resumem à questão idiomática. Trata-se, primeiramente, de entender que se o *fantasme* guarda raízes na obra freudiana é preciso delimitar quais troncos do pensamento de Freud, Lacan privilegiou. Há, portanto, uma significação impossível de alcançar no trabalho de tradução do *fantasme* para a língua portuguesa seja qual for a escolha, fantasma ou fantasia.

Tal impasse levou os editores e tradutores do Dicionário de Psicanálise (Roudinesco, E. & Plon, M. 1998) a introduzir uma nota na edição brasileira no que diz respeito aos termos *Phantasie* em alemão e *fantasme* em francês. As tradutoras Vera Ribeiro e Lucy Magalhães e o supervisor da edição Marco Antonio Coutinho Jorge (1998) registraram que no histórico do termo “fantasia” (*Phantasie* em alemão, *fantasme* em francês), encontra-se o registro da versão “fantasma”, também muito difundida no Brasil (Roudinesco e Plon, 1998, p. xiii).

Acerca das querelas políticas que influenciam a tradução do *fantasme*, apresentamos as posições de Sampson (1992) e Escalante (2013). Ambos situam o problema no nível internacional.

Sampson (1992) afirma que a escolha por *fantasma* feita por parte dos analistas lacanianos de origem latina converteu o “fantasma em uma espécie de cavalo de batalha para tentar estabelecer, através de um léxico, um distanciamento de grupos e doutrinas não lacanianas” (Sampson, 1992, p.192, tradução nossa)(1).

Escalante (2013), coloca em evidência a ausência de consenso no Brasil acerca do conceito *fantasme* e que tal ausência de consenso é multifatorial, sendo eles “[...] editoriais, linguísticos, filiatórios e conceituais. A falta de consenso vai incidir não só nas traduções do francês para o português, mas desta última para outras línguas, como o castelhano” (Escalante, 2013, p. 41). O conflito, portanto, não se restringe ao território brasileiro e muito menos entre as diferentes correntes do lacanismo.

### O *fantasme* no ensino e obra de Lacan

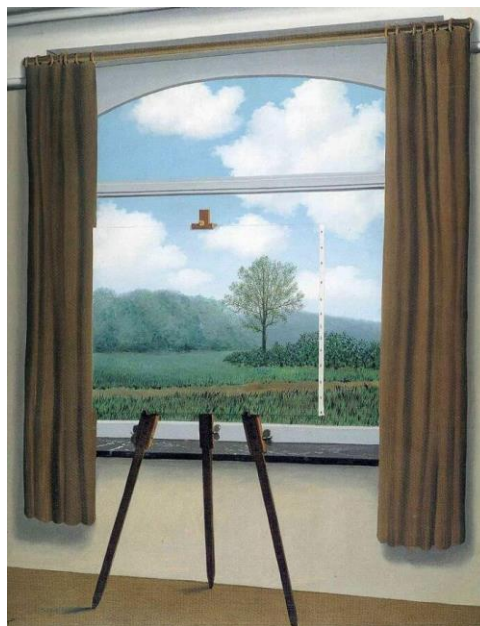
Em linhas gerais, o *fantasme* é, para Lacan, uma estrutura que dá sustentação ao desejo através da construção de um roteiro que delimita a relação com o objeto. Nos seminários transcorridos entre 1953 e 1956, Lacan emprega a palavra *fantasme* sem se ocupar de fazer uma delimitação conceitual do termo. Nesse momento de seu ensino, o *fantasme* aparece vinculado às produções do imaginário consideradas pelo seu valor simbólico. A reflexão lacaniana acerca desse conceito inicia pelas questões de direção do tratamento na conferência “O Simbólico, O Imaginário e o Real” dirigida aos membros da recém fundada Sociedade Francesa de Psicanálise em julho de 1953. A primeira formalização conceitual irá ocorrer, contudo, no final da década de 1950, durante dois anos do ensino, O Seminário “As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) e O Seminário “O desejo e sua interpretação” (1958-1959/2016). Assim como no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960/1998). Este trabalho de formalização

acontece através da construção do grafo do desejo, onde o *fantasme* será considerado forma de manifestação e de velamento para o desejo. Abordar o *fantasme* implica necessariamente, portanto, trabalhar o conceito de desejo. Temos assim a formação de um par: *fantasme* e desejo.

Um segundo tempo de formalização conceitual ocorreu durante o Seminário “A lógica do fantasma” (1966-1967/2017) e é efeito da elaboração do conceito de *objeto a* como um objeto lógico. Nesse seminário, Lacan debruçou-se sobre o trabalho de consolidar a relação entre a estrutura do *fantasme* e a estrutura do significante.

Podemos situar, portanto, dois tempos de formalização conceitual do *fantasme* diferenciados pela elaboração topológica do objeto pequeno *a*.

No artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960/1998) Lacan define o *fantasme* da seguinte forma: “O grafo inscreve que o desejo é regulado a partir do fantasme (2) [...] o fantasme é propriamente o “étoffe” (3) daquele [Eu] que é primordialmente recalçado, por só ser indicável no *fading* da enunciação” (Lacan, 1960/1998, p.831). Com isso, Lacan situa a produção do *fantasme* como uma resposta à pergunta pelo enigma do desejo e consequência da divisão do sujeito produzida pelo corte significante. Em outras palavras, “a função da fantasia é dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação, de situação. Por isso é que o desejo humano tem a propriedade de estar fixado, adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre, essencialmente, a uma fantasia” (Lacan, 1958-1959/2016, p.28). O matema ( $\$ \diamond a$ ) é a forma lógica utilizada por Lacan para escrever o conceito de *fantasme*, em que podemos ler: sujeito barrado punção de *a*.



René Magritte: A Condição Humana (1933)

No seminário “A lógica do fantasma”, Lacan retoma a leitura do matema da seguinte forma:

Partiremos da escrita que eu já formei, a saber, da fórmula:  $\$ \diamond a$ , S barrado punção de *a*, isso entre parênteses. Eu lembro o que significa o S barrado: o S barrado representa, sustenta nessa fórmula o lugar do que ele reenvia, concernente à divisão do sujeito, que se encontra no princípio de toda a descoberta freudiana e que consiste nisso: que o sujeito é, por um lado, barrado daquilo que o constitui propriamente, enquanto função do inconsciente. Essa fórmula estabelece alguma coisa que é uma ligação, uma conexão entre esse sujeito enquanto assim constituído e alguma coisa outra que se chama de *pequeno a* [...] (Lacan, 1966-1967, p.12).

Toda essa elaboração conceitual acerca do *fantasme* é feita por Lacan articulada a construção do grafo do desejo e da topologia do *cross-cap*. Construção metodológica que demarca uma especificidade do *fantasme* em Lacan, tal como demonstra a seguinte afirmação do autor sobre o grafo: “Ele nos servirá aqui para apresentar onde se situa o desejo em relação a um sujeito definido por sua articulação pelo significante” (Lacan, 1960/1998, p.819). O *fantasme* é, portanto, desde sua primeira formalização articulado à dimensão da estrutura significante não se resumindo a uma cena imaginária.

Em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960/1998), Lacan sintetiza as discussões realizadas entre os anos 1957 até 1959 mantendo o grafo do desejo como

marco metodológico. Com o grafo do desejo, Lacan formaliza a relação entre o par *fantasme* e desejo através da matemática da teoria das redes e da linguística de Saussure e Jakobson.

No grafo do desejo, Lacan retoma a posição de que o “desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1960/1998, p.829) acrescentando que se o sujeito espera do Outro uma resposta ele acaba por receber uma pergunta: “Che vuoi?” – O que tu desejas? O *fantasme* é formulado como uma resposta a essa pergunta e é através dele que o desejo será sustentado. O *fantasme* articula em uma cena, dois termos heterogêneos: sujeito e objeto. Através da construção de um roteiro, o *fantasme* produz um enredo onde desfilam objetos mascarados que se apresentam “adequados” ao desejo. Trata-se de um lugar de referência que possibilita que o sujeito se posicione frente ao desejo. Do ponto de vista do objeto, o *fantasme* produz máscaras que recobrem (sempre de maneira insuficiente) a negatividade do objeto a.

### O intraduzível

*Fantasme* foi o vocábulo escolhido em francês para traduzir o termo *Phantasie* em alemão. É preciso esclarecer que o termo *fantasme* estava em desuso e somente foi reintroduzido na França no contexto da tradução da obra freudiana.

Apresentaremos o *fantasme* lacaniano como um “sintoma de diferença” no sentido que provém da concepção de “intraduzível” por Barbara Cassin (2018). Na apresentação da primeira edição francesa do *Vocabulaire Européen des Philosophies*, Barbara Cassin presta um esclarecimento importante em relação à construção do dicionário além de delimitar o conceito de intraduzível.

Nós não trabalhamos sobre todas as palavras, nem sobre todas as línguas, no que diz respeito a uma palavra, menos ainda sobre todas as filosofias. Nós tomamos por objeto *sintomas* de diferença, os “intraduzíveis”, entre um certo número de línguas europeias atuais, regressando às línguas antigas (grego, latim) e passando pelo hebreu e pelo árabe cada vez que se fazia necessário à inteligibilidade dessas diferenças. Falar de *intraduzíveis* não implica absolutamente que os termos em questão, ou as expressões, os expedientes sintáticos e gramaticais, não sejam traduzidos e não possam sê-lo - o intraduzível é antes o que não cessa de (não) traduzir. Mas isso assinala que a sua tradução, em uma língua ou outra, causa problema, a ponto de suscitar às vezes um neologismo ou a imposição de um novo sentido para uma velha palavra: é um indício da maneira como, de uma língua à outra, tanto as palavras quanto as redes conceituais não podem ser sobrepostas [...] (Cassin, 2018, p.17).

Para Santoro e Buarque (2018), o intraduzível é precisamente aquilo que se traduz de muitas maneiras, revelando em cada tradução a diferença entre as línguas (Santoro e Buarque, 2018, p. 5).

A afirmação de que existe um impasse de tradução não é apenas nossa, constatação que nos faz avançar na direção de consolidar o *fantasme* como um “intraduzível”.

### Raízes freudianas de um conceito lacaniano: Bate-se em uma criança (1919)

O vocábulo francês *Fantasme* é a tradução da palavra alemã *Phantasie*, tal como aparece na obra de Freud (Metais, 1997, p. 193). Trata-se, para o fundador da Psicanálise, de uma atividade psíquica, mais frequentemente inconsciente, que consiste numa construção imaginária de um cenário dramático. A pessoa que fantasmatiza fica integrada nesse cenário, seja enquanto ator, seja enquanto observador, e nisso mistura pessoas e cenas familiares embora não reconhecidas como tais.

Freud (1919/1987) assim descreveu sua construção clínica que ele denominou “Phantasie de bate-se em uma criança”:

Essa fantasia que se vai transformando desde a primeira meninice, passando pelos primeiros anos escolares e adolescência, alcançará o estatuto de uma construção em análise. Freud acentuava o ficcional: “nas séries adiantadas da escola, alguns livros davam um novo estímulo às fantasias de espancamento, a criança começava a competir com essas obras de ficção produzindo as suas próprias fantasias e construindo uma riqueza de situações e instituições” (Freud, 1919e/1987, p. 226).

A respeito das fantasias de espancamento, Freud afirma que “essas fantasias permanecem geralmente fora do conteúdo restante da neurose e não ocupam lugar certo em sua trama” (Freud, 1919/1987, p.299).

Freud destaca três fases da Phantasie de espancamento e atribui a segunda maior valor de destaque. Essa segunda fase “não tem uma existência real. [...] É uma construção da análise” (Freud, 1919/1987, p. 302-303). “Meu pai bate na criança” (primeira fase, “Sou castigado por meu pai” (segunda fase) e “Batem numa criança” (terceira fase) são os enunciados através dos quais elabora a teorização dessas fantasia.

Lacan, ao evidenciar a leitura da estrutura gramatical das fases da Phantasie freudiana, atribui a elas maior valor de temporalidade do que de fase. “Bate-se numa criança” (1919/1987) será referido por Lacan recorrentemente quando coloca o *fantasme* em processo de formalização tornando-se assim texto estrutural para a construção da formalização do *fantasme* em seu ensino.

### O matema como instrumento de transmissão

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1966/1998), Lacan escreve o seguinte comentário após apresentar pela primeira vez nesse texto do matema ( $\$ \diamond a$ ): “É que ele é feito para permitir um sem-número de leituras diferentes, multiplicidade admissível desde que o falado continue preso à sua álgebra” (Lacan, 1964, p.830). Fica claro, portanto, que desde o momento mais inicial da formulação do *fantasme*, Lacan o determina a partir da estrutura algébrica.

As matemáticas, estão presentes no pensamento lacaniano como um fundamento de transmissão. Não é casual que, ao longo de todo seu ensino, Lacan irá fazer sucessivas tentativas de formalizar conceitos através da topologia e da lógica. Destacamos aqui no que diz respeito ao conceito de *fantasme*, que Lacan utilizou três estruturas matemáticas para formalizá-lo: o grafo do desejo, o cross-cap e o matema como uma escrita. A escrita do *fantasme* como ( $\$ \diamond a$ ) merece destaque em nossa reflexão na medida em que opera como uma ferramenta diferencial na querela da tradução para outros idiomas.

Para Leticia Fonseca:

[...] através dos aportes da lógica contemporânea, Lacan registra no fantasma esse ponto do impossível, inscrevendo sua marca original- o materna  $\$ \langle \rangle a$ -, apontando o tempo em que o sujeito cai sob o golpe do significante, ingressando na lei do desejo. Isso nos permitiria então dizer que nesta importação do termo francês *fantasme* seria sua vertente de Real, do impossível de ser dito, que marca o diferencial da elaboração lacaniana, que culmina com a escrita do matema (Fonseca, 2014, p.5).

Apresentaremos agora as principais linhas de construções argumentativas que consolidaram as escolhas de pesquisadores que se debruçaram em cima da problemática da tradução do *fantasme* de Lacan para outros idiomas. Foram levados em consideração as posições de pesquisadores, analistas e tradutores dos seminários de Lacan.

Consultando o dicionário de língua portuguesa Aurélio (1999), encontramos os seguintes sentidos para os verbetes “fantasia” e “fantasma”. Para “fantasia”, encontramos: “[Do gr. *phantasia*] S.f.1. Aquilo que não corresponde à realidade, mas que é fruto da imaginação [...] devaneio, sonho [...]” (Aurélio, 1999, p.878). Figura também o emprego do termo para fantasias enquanto vestimentas de festas populares. A perspectiva do sobrenatural também está presente: Assombração, visagem, fantasma (Aurélio, 1999, p.878). De uma forma genérica, o termo é empregado para abordar distorções da realidade e produções ficcionais.

Já para o termo “fantasma” temos: [Do gr. *phántasma*, pelo lat. *phantasma*.] S.m. 1. Imagem ilusória; fantasmagoria [...]. Alma do outro mundo visão, visonha [...] (Aurélio, 1999, p.878-879).

Para Maria Cristina Poli, a opção por “fantasma” é um erro de tradução justificável:

O termo lacaniano “fantasma” é, a bem dizer, um neologismo da psicanálise brasileira. [...] Portanto, quando, ao lermos Lacan, encontramos a palavra “fantasma” no lugar de fantasia, trata-se de um erro de tradução. Um “erro” que vingou porque, como veremos, ele permite incluir uma discriminação entre as formações do inconsciente que, não estando presente no texto freudiano, é correlativa da invenção por Lacan do objeto *a* (Poli, 2007, p.43).

Corroborando a posição de Poli de que o fantasma é um neologismo brasileiro, apresentamos a metáfora formulada por Fonseca (2014). Essa autora avalia que a tradução brasileira “fantasma” tem ressonâncias na ideia de espectro e prisma em Física. Dessa forma, como metáfora da imagem ilusória. Será ainda como articulação possível com o conceito de estrutura de borda que a autora justificará a sua escolha por traduzir o fantasma francês para fantasma.

[...]voltando mais uma vez aos significados da palavra fantasma, encontramos ainda o sentido de espectro: imagem ilusória resultante da decomposição da luz através de um prisma; disposição das frequências de uma radiação em ordem crescente. Poderíamos, então, pensar, metaforicamente, em um espectro formado a partir de um prisma subjetivo, composto por coordenadas significantes (frases ouvidas, situações de vida, lugar simbólico) que integram a história do sujeito, fornecendo-lhe a lente através da qual se apreenderia a realidade?

De qualquer modo, mais do que o elemento imaginário para o qual inevitável mente escorregamos ao bordejar o indizível, Lacan circunscreve aquilo que está além das fantasias e de todo seu emaranhado traumático de sofrimento, destacando no fantasma esse aspecto de borda que sustenta a estrutura. É a estrutura que é importante pôr em relevo. Assim, se por um lado o fantasma funciona como um véu que mascara o Real, ou como uma moldura que enquadra a realidade, por outro lado ele marca limites e sustenta o sujeito, prendendo-o em sua trama (Fonseca, 2014, p.5).

Já o psicanalista e escritor Luiz-Olynto Telles da Silva (2020) seguiu por um caminho diferente a construção de sua argumentação para a escolha do termo fantasma para traduzir fantasma francês:

De *fantaise* quero chamar a atenção para o fato de que seu sentido “moderno” aparece em 1636 com o seguinte significado: “Obra da imaginação, na qual a criação artística não está submetida às regras formais”. - Tenhamos em conta que a preocupação de Lacan é, ao contrário, de formalizar!

De *fantôme* destaca-se o aspecto sobrenatural, estando presente também o sentido de “personagem ou coisa do passado, lembrança que frequenta (*hante*) a memória”. - E o fantasma? Está sempre presente ou requer construção?

Em *fantasme* ou *phantasme* encontramos que, do mesmo modo que *fantôme*, deriva do grego *phantasma*, e mais, que no final do século XII aparece como “ilusão”, no séc. XIV, na acepção de *fantôme* e, já em 1836, aparece no campo da medicina, com o sentido de “alucinação”. [...] Em 1891 (no ano seguinte à edição do meu velho Larrouse) aparece um sentido “moderno” do termo, o qual será propagado (*répandu*) no séc. XX pela psicanálise como “Toda produção da imaginação pela qual o eu (moi) busca escapar à influência (*emprise*) da realidade”. - Ao optar pela grafia de *Fantasme*, tanto em escritos (Kant com Sade”[1963], v.g) como em seminários anteriores, fica claro, no meu modo de entender, que sua opção é pelo sentido moderno, pelo qual - a César o que é de César - em muito responsável. (Para o *Petit Robert 1*, preceder um verbete com a abreviatura “Mod.”[moderno] significa que as acepções anteriores foram abandonadas).

Não optar por *phantasme* - mais próximo - significa então, fundamentalmente, não se enquadrar ao sentido de “ilusão”(imaginário), ao fantasmagórico e alucinatório outro mundo (psicótico), [...] Assim que, não havendo em português um termo que corresponda diretamente ao francês *fantasme*, proponho que se diga “fantasma”, por conservar a mesma origem grega (*phantasma*) e manter a alusiva obrigação imperativa. - A propósito, Freud também fala em fantasma em mais de um lugar em sua obra, tanto no sentido de *fantôme* como no de *fantaisie*. Mas é quando ele fala de fantasia das origens que o termo mais se aproxima do *fantasme* de Lacan (Telles da Silva, sem data informada).

No que diz respeito ao verbete *fantasme* na língua francesa, a psicanálise porta uma grande responsabilidade em sua forma de uso. O *fantasme*, termo em desuso, teve sua reintrodução no dicionário atrelada à tradução da obra de Freud para o francês.

Ari Roitman, ao traduzir para o português o livro *Percurso de Lacan: uma introdução* de Jacques-Alain Miller (1987), opta pela tradução de *fantasme* por fantasia. A respeito disso, Escalante (2013) afirma que: “Nesse comentário nota-se o critério de filiação imperante. Ele vai arguir que traduzir *fantasme* por *fantasia* pode confundir com a *fantasia* kleiniana”(Escalante, 2013, p.42). Mais do que o temor por inscrever o *fantasme* lacaniano a uma filiação kleiniana, assinalamos que a tradução pelo termo fantasia passa pela filiação do tradutor a leitura de Jacques-Alain Miller do ensino de Lacan. Questão que não é menor quando pensada à luz da história da psicanálise. Miller é herdeiro nomeado por Lacan de sua obra.

Jairo Gerbase (1987) em “Fantasia ou Fantasma”, publicado no primeiro número da Revista *Falo*, apresenta, de forma pioneira, uma justificativa para traduzir *fantasme* por fantasia. A análise parte da etimologia do termo alemão *Phantasie* (fantasia), atribuindo a essa os sentidos de “atividade criadora” e “mundo imaginário”.

O autor apresenta em três níveis o conceito freudiano de *Phantasie*: 1) as produções ficcionais feitas em estado de vigília. 2) Quando ao emprego feito por Freud do termo fantasias inconscientes, Gerbase sublinha a falta de precisão metapsicológica do conceito, podendo ser utilizado para designar desde o devaneio até a participação nas produções da sintomatologia histérica. 3) Por último, sinaliza a relação íntima entre a *Phantasie* e o inconsciente como uma dos elementos integrantes da trama onírica (Gerbase, 1987).

Acerca do termo francês *fantaisie*, Gerbase observa que:

tem uso consagrado e dicionarizado como termo corrente, seja de uso comum ou mesmo literário e significa a imaginação, a produção da imaginação, a faculdade imaginativa, o poder de invenção de um artista ou de um escritor, etc. [...] De sorte que há acordo tácito entre os psicanalistas de língua francesa quanto à consagração do termo *fantasme* para traduzir a *Phantasie* freudiana (Gerbase, 1987, p.46).

Afirma a existência de uma “equivalência quase perfeita” entre os termos fantasia em português e Phantasie em alemão. Para ambos os termos, podem ser aplicados aos sentidos de criação artística e imaginativa. Acepções que contrastam com a significação do termo fantasma em português, que como vimos, possui ligação com o sobrenatural. sentidos exatamente equivalentes ao termo francês *fantôme*, e ao termo alemão *Geist*” (Gerbase, 1987, p.46).

A segunda via argumentativa apresentada pelo texto é conceitual. Tomando a descoberta freudiana da fantasia através da clínica da histeria, Gerbase apresenta quatro conclusões a partir de sua leitura de Freud:

Primeira conclusão: fantasia tem, para Freud, função de causa não apenas dos sintomas, como também da idealização e da depreciação do objeto sexual.

Segunda conclusão: a fantasia, embora implique um gozo, tem uma dimensão imaginária [...].

Terceira conclusão: Freud passa da contingência do trauma de sedução à fantasia imaginária de sedução [...]. A fantasia é, então, elevada à condição de defesa do eu, eficácia do sujeito.

Quarta conclusão: Além da fantasia particular, há a noção de fantasia universal - sedução, cena primária, castração [...]. A fantasia esta agora articulada ao complexo de Édipo, que emprestará seu cenário à relação da fantasia com o real (Gerbase, 1987, p.48).

Para Gerbase, a fantasia em Lacan lida através de sua escrita lógica ( $\$ \diamond a$ ) é organizada da seguinte forma:

Lacan pretende estabelecer a relação porventura existente entre a estrutura da fantasia e a estrutura do significante. Nessa fórmula,  $\$$  representa, ocupa o lugar do recalcado, há um elo e um objeto. Eles estão numa relação lógica, e a definição do objeto como valor lógico é o que afasta a fantasia do domínio do imaginário (Gerbase, 1987, p.49).

O autor conclui que se existe uma definição propriamente lacaniana de fantasia, essa definição estaria relacionada à importância do registro do Real no seu ensino:

[...] De modo que, feito este percurso do ponto de vista conceitual, podemos dizer que há equivalência perfeita entre a *Phantasie* de Freud e o *fantasme* de Lacan, não havendo, portanto, qualquer razão conceitual para se propor uma nova nomenclatura para a fantasia (Gerbase, 1987, p.50).

Estamos de acordo com Gerbase em seus argumentos mas não em suas conclusões. Se o “fantasma” lança o *fantasme* no campo do sobrenatural, a tradução pela fantasia, embora preserve as raízes freudianas do conceito bem como a tradição psicanalítica francesa, contempla apenas o registro imaginário do termo.

Na versão castelhana do seminário *Lógica do Fantasma* (1966-1967/s-d), de Lacan, disponível em *lancantera freudiana* encontramos a posição de Ricardo Pontes (2008):

[...] 1) Em fantasma por *fantasme*, pretendemos fazer uma apresentação mais manifesta da indicação de Lacan de modo a distinguir aquela da fantasia que se refere mais ao registro da imaginação e do imaginário, daquilo que, sob o nome de fantasma, refere-se mais especificamente à lógica e estrutura; 2) do mesmo modo, com esta opção pretendemos sublinhar, de passagem, o que entendemos como a distância entre a fantasia freudiana e o fantasma lacaniano, na medida em que esta implica em sua própria estrutura o que, por ser uma “invenção” de Lacan não poderia estar em Freud: o objeto a minúsculo, definido neste mesmo seminário como “valor lógico”, pelo qual “determinar seu status”



consistirá em produzir "a lógica fantasma" (outro ponto em que "Freud não era lacaniano"... nem poderia ser) (Ponte, 2008, p.18-19 de PDF).(4)

Fonseca (2014), justifica a tradução de *fantasme* por *fantasma* através do argumento construído através das discussões feitas no *Cartel Franco Brésilien de Psychanalyse* no período de 2010 e 2011. A primeira observação feita por Fonseca é que:

[...] aqueles que optaram por fantasia, fizeram-lo alegando fidelidade ao termo freudiano. Em contrapartida, aqueles que optaram pela utilização do termo fantasma alegaram que, embora em seu texto Uma criança é espancada Freud situe o que é inconsciente na Phantasie - o que justificaria o uso do termo *fantasia* em português-, nas acepções pós-freudianas este termo mostrara-se sobrecarregado da ideia de imaginação e devaneio' e, em decorrência disso, preferem o uso do termo fantasma. Buscaram, por conseguinte, estabelecer uma diferenciação, procurando evitar ambas as acepções, de imaginação e devaneio, provenientes das elaborações pós-freudianas. Cobia-lhes, todavia, ainda, tentar subtrair deste termo as significações mais comuns, de *visão apavorante e assombração*" (Fonseca, 2014, p.4).

O cartel pode constatar, assim como nós, um movimento produzido pelos analistas implicados no problema de introduzir um caráter diferencial do *fantasme* em Lacan na medida em que ele distancia o *fantasme* de sua leitura excessivamente imaginária.

### Considerações finais

Claudia Berliner (2013), desde o lugar de psicanalista e tradutora, pergunta se o tradutor deve ser fiel à língua de partida ou à língua de chegada. Considerando o crivo histórico e político, é preciso ser fiel à língua do leitor. Sem usar a expressão intraduzível, ela faz, no entanto, uma aproximação pertinente quando observa que "o tradutor faz uma leitura particular, ele lê em função do texto por vir e cria, assim, um indizível na língua de partida" (Berliner, 2013, p. 26).

Assim, a tradução de *fantasme* por *fantasma* criaria um indizível na língua de partida, a língua francesa. Gera, no entanto, um mal-entendido na língua de chegada. O *fantasme*, portanto, apresenta-se como um "intraduzível", um "sintoma de diferença" como fala Cassin. Nas palavras da autora:

O intraduzível é antes o que se não cessa de (não) traduzir. Mas isso assinala que a sua tradução, em uma língua ou outra, causa problema, a ponto de suscitar às vezes um neologismo ou a imposição de um novo sentido para uma velha palavra (Cassin, 2018, p. 17).

O *fantasme*, do ponto de vista da tradução, é, portanto, um intraduzível, mas, do ponto de vista da transmissão, o próprio Lacan nos ajuda com essa questão ao desenvolver para o *fantasme* um matema. O *fantasme*, definido a partir de Cassin como um "intraduzível" carrega consigo uma falha em sua universalidade (Santoro e Buarque, 2018, p.5), não podendo ser traduzido para um outro idioma por um único termo sem que uma perda significativa na precisão conceitual aconteça. Rejeitamos, portanto, no que diz respeito às traduções por "fantasma" ou "fantasia", a perspectiva que aponta para o erro. Não acreditamos serem elas equivocadas, apenas parciais. Nossa aposta é procurar sustentação na própria escolha metodológica feita por Lacan em relação à transmissão, e, no que toca ao conceito de *fantasme*, sua escritura pela via do matema ( $\$ \diamond a$ ) mostra-se indispensável.

## Referências

- Berliner, C. (2013). Experiência trajetória com o Seminário 11 de Jacques Lacan, a visibilidade do tradutor. In P. Heliodoro Tavares, M. Bueno de Paula, W. C. Costa (Orgs.). *Tradução e psicanálise* (pp. 23-27). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Cassin, B. (2018). Apresentação da 1ª edição francesa do Vocabulaire Européen des Philosophies. In: Cassin B., Santoro F., Buarque L. *Dicionário dos Intraduzíveis*. (pp. 16-21). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Escalante, A. (2013). *Traduzir Psicanálise: Impasses de um Texto*. In: P. Heliodoro Tavares, M. Bueno de Paula, W. C. Costa (Orgs.). *Tradução e psicanálise*. Rio de Janeiro: 7 Letras, (pp. 23-37) 2013.
- Ferreira, A. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fonseca, L. (2014). Prefácio. Em Tyszler J.J.(Org.). *O Fantasma na Clínica Psicanalítica*. Paris: Editora da Association Lacanienne Internationale.
- Freud, S. (1987). 'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919e). In Edição Standard Brasileira das *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (v. XVII, p. 225-258). Rio de Janeiro: Imago.
- Gerbase, J. Fantasia ou Fantasma. *Falo Revista brasileira do Campo Freudiano*, n. 1, junho 1987.
- Lacan J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. Em: *Escritos* (pp. 807-842) Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente escrito em 1960).
- Lacan, J. (1966). Subversion du sujet et dialectique du désir. Em : *Écrits* (pp.793-827). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1998) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Em: *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em dez. 1957 – jan. 1959).
- Lacan, J. (2017). *A lógica do fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife (Publicação interna).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1958-1959)
- Rodríguez Pontes, R. E. (s/d) *Sobre una Versión Crítica del Seminario 14 de Jacques Lacan: La logique du fantasme y nuestra traducción*. Acesso em 20 de julho de 2020 de <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/lacanterafreudiana/jacqueslacanseminario14.html>
- Meatis, S. (1997). “Fantasme”. *Dictionnaire de la Psychanalyse* (pp. 193-194). Paris: Encyclopedia Universalis Albin Michel.
- Miller, J.A. (1987). Editorial. *Falo revista brasileira do Campo Freudiano*, n. 1, junho 1987, p.5-7.
- Miller, J. A. (1987). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Poli, M. C. (2007) Construção da fantasia, constituição do fantasma. Em Backes, C. (org). *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* (pp. 43-49). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sampson, A. (1992). *A fantasia não é um fantasma*. Acesso em 20 de julho de 2020 de <http://psicologiacultural.org/Pdfs/Sampson/Pdf%20Sampson%20articulos/La%20fantasia%20no%20es%20un%20fantasma.pdf>.

Santos F. e Buarque, L. (2018). Prefácio à edição brasileira. In: Cassin B. Santoro F. , Buarque L. *Dicionário dos Intraduzíveis* (pp. 5-15). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Teixeira, M. R. (1999). *Elogio da tradução*. Correio da APPOA, Porto Alegre n. 67, p. 11-15.

Telles da Silva, L.O. (s/d). Isagoge. Acesso em 21 de julho de 2020 de <http://www.tellesdasilva.com/fantasma.html>.

### Notas

(1)“Fantasma en una especie de caballito de batalla para intentar establecer, a través de un léxico, distancias respecto a grupos y doctrinas no lacanianos” (SAMPSON, 1992, p.192).

(2) Utilizamos a referência ao texto em francês, *fantasme*.

(3) No original, Lacan usa *étouffe* em referência a uma metáfora utilizada pelos gramáticos franceses Damourette e Pichon para diferenciar entre o sujeito da oração e o sujeito concreto, o *sujet étouffé*, aquele de quem é possível falar.

(4) [...] 1) con *fantasma* por *fantasme* pretendemos hacer lugar, de un modo más manifiesto, a la indicación de Lacan en cuanto a distinguir aquello de la *fantasía* que remite más bien al registro de la imaginación y lo imaginario, de aquello que, bajo el nombre de *fantasma*, remite más específicamente a la lógica y a la estructura; 2) en el mismo sentido, con esta opción pretendemos subrayar, de paso, lo que entendemos como la distancia entre la *Phantasie* freudiana y el *fantasme* lacaniano, en cuanto que este último implica en su estructura misma lo que, por ser “invento” de Lacan, no podía estar en Freud: el objeto *a* minúscula, definido en este mismo Seminario como “valor lógico”, por el cual “determinar su estatuto” consistirá en producir “la lógica del fantasma” (otro punto en el que “Freud no era lacaniano”... ni podía serlo).

**Citação/Citation:** Abreu, T.; D’Agord, M. R. (2021) O “*fantasme*” em Jacques Lacan, o *Intraduzível* em questão. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XIII, Ed.1), pp. 101-111.

**Recebido em: 29/07/2020**  
**Aprovado em: 19/03/2021**